

EDITORIAL

AS FICÇÕES DO ARQUIVO: LITERATURA, MEMÓRIA E AS DISPUTAS PELO PASSADO

A literatura contemporânea tem mobilizado com intensidade crescente arquivos — históricos, pessoais, institucionais, imaginários — como instância de criação e conflito. Foi a partir dessa constatação que propusemos à *Jangada: crítica | literatura | artes* o dossiê “As Ficções do Arquivo”, com o intuito de reunir investigações sobre o modo como textos de diferentes gêneros e contextos culturais incorporam, disputam ou reinventam materiais arquivísticos, abrindo espaço para o questionamento das formas hegemônicas de narrar o passado — apropriando-se delas, subvertendo-as, interrogando-as e desafiando-as como um *modus operandi* de se pensar o ser no mundo e sua representação. O conjunto de manuscritos que ora apresentamos confirma a vitalidade desse campo de problemas e, ao mesmo tempo, o desloca em direções que não havíamos previsto integralmente no momento da chamada.

O horizonte teórico que orientou a proposta permanece como pano de fundo das contribuições aqui reunidas. Desde o reconhecimento do conteúdo narrativo da historiografia (White, 1973, 1987), passando pelas intervenções da “metaficção historiográfica” pós-moderna (Hutcheon, 1988, 1989), até as “fabulações críticas” que reimaginam vidas silenciadas pelos arquivos coloniais (Hartman, 2008, 2019), interessava-nos pensar a literatura como uma prática crítica e dinâmica de produção e contestação do arquivo. O objetivo foi, sobretudo, acolher abordagens atentas aos apagamentos e às violências estruturais presentes na constituição desses materiais — especialmente em contextos diaspóricos, pós-coloniais e migratórios. Os artigos selecionados, as duas traduções de ensaios e o trabalho em artes visuais que integram este número atendem a esse convite de maneiras diversas, projetando, na pluralidade das respostas, a maior contribuição do dossiê.

Cabe destacar, de saída, o número expressivo de trabalhos que se voltaram para uma crítica mais atenta da produção dos arquivos por meio de leituras e intervenções afro-atlânticas e diaspóricas. Não se trata de coincidência: o modelo da fabulação crítica hartmaniana, que a chamada tomava como um de seus eixos, tornou-se, ao longo da última década, uma das gramáticas mais produtivas para se pensar a relação entre literatura negra e arquivo colonial, e o conjunto de artigos aqui reunidos permite acompanhar tanto a força quanto as reelaborações dessa chave teórica no contexto brasileiro e em diálogo com o Caribe e a América do Norte. Quatro dos onze artigos do dossiê, além das duas traduções e da obra em artes visuais que o acompanham, situam-se explicitamente nesse terreno.

É o caso do artigo de Alan Osmo, que aproxima *Perder a mãe*, de Saidiya Hartman, e *Águas de homens pretos*, de Allan da Rosa. Ao ler esses dois textos “que têm como tema central a memória da escravidão”, Osmo demonstra como ambos, “ao mesmo tempo que partem de um trabalho com arquivo, fazem importantes críticas às suas limitações”, e como é justamente por meio da aliança entre fabulação e pesquisa arquivística que “se propõem a enfrentar os traumas do passado e do presente”. A aproximação entre um texto fundador do debate contemporâneo sobre o arquivo da escravidão e a produção ensaística negra brasileira constitui, a nosso ver, um dos gestos mais promissores deste número.

Em direção semelhante, o artigo de Thiago M. Moyano e Layla Gomes examina *Um mapa para a porta do não-retorno: notas sobre pertencimento*, de Dionne Brand, investigando “como a autora reconfigura a escrita autobiográfica para examinar formas de representação da experiência diaspórica afro-atlântica”. Mobilizando as noções de Neo-Arquivo e de fabulação crítica, formuladas respectivamente por Erica Johnson e Saidiya Hartman, os autores argumentam que “Brand transforma as lacunas produzidas pelo arquivo colonial em princípio estruturante de sua escrita, mobilizando a imaginação como prática crítica de reconstrução da memória e de elaboração de formas de pertencimento na diáspora negra”.

A produção literária brasileira contemporânea é o objeto do artigo de Esther Martins, dedicado ao romance *Meridiana*, de Eliana Alves Cruz. A autora investiga “como a narrativa constrói um arquivo literário da memória afro-diaspórica a partir de experiências atravessadas por gênero e colonialidade”, propondo que o romance “opera como um contra-arquivo, no qual o trauma se apresenta como experiência estrutural, transmitida por meio da repetição, do silêncio e das relações intergeracionais”. Ao concluir que a narrativa “desloca a memória do campo da herança para o da prática”, o artigo oferece uma chave de leitura que dialoga de perto com as demais contribuições desta seção.



Ainda nessa seara, há o artigo de Mauro Gabriel Moraes da Fonseca, que discute a noção de retorno em *A água é uma máquina do tempo*, de Aline Motta, em análise comparativa com *Diário de um retorno ao país natal*, de Aimé Césaire. Enquanto “o poeta martinicano volta à Mãe África, a uma experiência coletiva dos negros colonizados”, observa o autor, “a poeta brasileira busca sua ancestralidade como quem desfia uma trama, investigando arquivos, analisando seu território e, de alguma forma, também chegando ao continente africano”. Nesses deslocamentos, Césaire e Motta realizam “uma escrita da memória que conjuga indivíduo e coletividade” — e é com particular satisfação que registramos que a artista em questão aceitou gentilmente o convite de integrar este número a partir de seu trabalho nas artes visuais, conforme detalharemos adiante.

Se a crítica afro-atlântica e diaspórica do arquivo constitui o núcleo mais denso do dossiê, ela não esgota o seu escopo. Há um fio condutor que atravessa os manuscritos de forma mais ampla, e que talvez possa ser formulado nos seguintes termos: em todos eles, o arquivo deixa de ser tomado como repositório neutro de evidências para ser lido como construção, artifício, campo de forças e, não raro, como o lugar mesmo de uma violência que a escrita literária busca nomear, elaborar ou reparar. Esse fio se torna visível nos artigos que abordam as escritas de si e da memória a partir de outras geografias e de outras formas de violência.

O artigo de Priscilla Costa analisa duas obras “que mobilizam arquivos pessoais e institucionais a fim de contar as histórias de dois feminicídios”: *O invencível verão de Liliana*, da mexicana Cristina Rivera Garza, e *Jane: A Murder*, da estadunidense Maggie Nelson. Misturando linguagem poética e investigação de arquivos, argumenta a autora, essas escritoras “tensionam os limites entre memória e imaginação a fim de ressoar no presente as vozes de Liliana e Jane, vítimas de feminicídio em um tempo em que ainda não existia linguagem adequada para tratar desse tipo específico de violência”. Trata-se de uma contribuição que amplia o debate sobre o arquivo em direção às violências de gênero e ao problema, de grande interesse teórico, da nomeação retroativa daquilo que os registros de época não souberam nomear.

Também no campo das escritas de si, Maria Júlia Branco Klippel Rodrigues examina *L'Événement*, de Annie Ernaux, narrativa autobiográfica em que a autora “mobiliza duas das principais forças que parecem operar na construção de suas obras: memória e escrita”. O artigo se detém sobre “a potente relação que se produz entre a urgência de não se esquecer, e a necessidade de, por conta disso, escrever”, propondo um diálogo entre Ernaux e “uma certa tradição crítica que se ocupa, especialmente a partir da modernidade, da experiência literária à

luz das ações e dos efeitos da memória sobre o sujeito”. A contribuição lembra que o corpo e a lembrança são, eles próprios, arquivos — e que o gesto de escrevê-los é já uma forma de disputa.

Os diários, gênero por excelência das escritas de si, estão no centro do artigo de Mariana Bolfarine, que se debruça sobre a figura *sui generis* de Roger Casement, diplomata britânico do início do século XX e herói nacional irlandês, executado por sua participação na luta pela independência da Irlanda. Embora não trate diretamente da diáspora afro-atlântica, mas do projeto colonial do Império Britânico e de suas repercussões na África e na América Latina, o artigo parte do *Diário do Congo*, polêmico registro da temporada de Casement no país, no qual outras facetas de sua subjetividade complexificam e matizam essa personagem histórica, para “discutir as controvérsias em torno da sexualidade de Casement”. Desse modo, situa o diplomata para além das simplificações que se ocupam de determinar seu status de herói ou vilão. A intervenção de Bolfarine adensa, assim, a reflexão sobre os arquivos queer em suas intersecções com outros marcadores sociais da diferença.

O arquivo como invenção e artifício literário — um dos eixos explicitamente previstos na chamada — encontra tratamento exemplar no artigo de Thaís Marques Soranzo sobre “The Aspern Papers”, de Henry James. Para a autora, na novela jamesiana o arquivo é, “mais do que fonte de conhecimento capaz de assegurar a exatidão dos fatos”, “antes um recurso inventivo que, a partir do relato em primeira pessoa de um editor anônimo, dá ensejo a fabulações que envolvem o leitor num jogo interpretativo”. Convertidos em objeto de ficção, os manuscritos pessoais revelam-se “terreno fértil para a atividade imaginativa”, e o artigo mostra como um texto do século XIX já formulava, à sua maneira, muitas das questões que hoje atravessam os debates sobre a ficção arquivística.

Dois artigos deslocam a discussão do arquivo enquanto tema ficcional para o arquivo enquanto método de investigação da história literária brasileira, e o fazem a partir de fontes primárias. Artur Vitor de Araújo Santana analisa a recepção de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, nos jornais cariocas dos primeiros anos do século XX, tomando como corpus “periódicos de grande circulação na época, a exemplo do *Correio da Manhã* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *O Paiz* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Jornal do Comércio* (RJ)”, a fim de acompanhar “a ascensão do escritor ao panteão dos grandes autores nacionais”. Victor Hentzy, por sua vez, recorre a “materiais coletados no Acervo Literário Erico Verissimo, atualmente sob cuidados do Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro”, para apresentar aspectos da atuação do autor gaúcho no meio literário brasileiro entre 1930 e 1950, com ênfase em “seu trabalho

como editor do Globo e, em particular, seu papel na acentuação das traduções de literatura de língua inglesa”. Ambos os textos lembram que o arquivo da imprensa e o acervo de escritor são também construções — e que a consagração literária é, ela própria, um processo arquivável e passível de ser lido a contrapelo.

Por fim, o arquivo como suporte de elaboração do trauma coletivo é o horizonte do artigo de Gabriela Weber Itaquy e Analice de Lima Palombini, “Entre sonhos e imagens que se recortam e colam: a colagem como dispositivo clínico-político em psicanálise”. Partindo dos arquivos publicizados do coletivo Artesania dos Dias, as autoras se propõem a identificar “uma clínica política psicanalítica que permeie o olhar para as narrativas e o testemunho das atuais violências de Estado”. A colagem manual coletiva surge, nessa leitura, como “dispositivo clínico que pode garantir a construção de narrativas e espaços de ressignificação e transmissão das violências sofridas”, gesto que, ao recortar e recompor imagens, encena materialmente aquilo que outras contribuições deste número realizam na escrita: a montagem de um arquivo a partir de fragmentos e lacunas. Ao trazer para o dossiê as perspectivas da psicanálise e da psicologia social, o artigo amplia o diálogo interdisciplinar em torno das relações entre arquivo, trauma e testemunho, e reforça a convicção de que a disputa pelo passado se dá também no campo da imagem e das práticas coletivas de cuidado.

O dossiê conta ainda com duas traduções inéditas para o português, que oferecem reflexões importantes sobre o trabalho com arquivos a partir de perspectivas críticas interseccionais, pós-coloniais e decoloniais. A primeira é o ensaio “Viver em Ruínas à Beira-Mar”, de Macarena Gómez-Barris (Brown University), texto fruto de sua palestra proferida na *I Jornada de Estudos sobre Migrações, Diásporas e Teoria Queer*, realizada no campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília em 25 de junho de 2026, em tradução de Thiago M. Moyano. A segunda é o ensaio “O Arquivo Nacional”, de Hazel V. Carby (Yale University), originalmente publicado no número 31 da revista *InVisible Culture*, dedicado ao tema “Black Studies Now and the CounterCurrents of Hazel Carby”. A tradução coletiva é de Thiago M. Moyano, Priscilla Costa e Eliza Araújo, membros do NeldCULT: Núcleo de Estudos sobre Literatura Diaspórica, Cultura e Tradução. Agradecemos às autoras pela generosidade em autorizar a circulação de seus textos em língua portuguesa e esperamos que as traduções contribuam para intensificar o diálogo entre a crítica brasileira e esses dois nomes fundamentais do pensamento contemporâneo sobre raça, colonialidade e arquivo.

Este número tem, também, a honra de publicar trabalhos em artes visuais de Aline Motta, em especial de sua série de instalações e vídeos *A água é uma máquina do tempo*,

homônima de sua antologia poética publicada em 2022, pela editora Fósforo, e coeditada por Luna Parque. A presença da obra de Motta no dossiê — em diálogo direto com o artigo de Mauro Gabriel Moraes da Fonseca — materializa uma convicção que orientou nossa proposta desde o início: a de que a disputa pelo arquivo não se dá apenas na página, mas também na imagem, no som e na matéria, e de que a arte contemporânea afro-brasileira tem sido um dos lugares mais potentes de reinvenção dos registros inevitavelmente fragmentados da diáspora.

Na seção Varia, fora do escopo estrito do dossiê temático mas em evidente sintonia com ele, Wibsson Ribeiro Lopes propõe uma leitura de *Estação Atocha*, de Ben Lerner, a partir de "sua inserção em um cenário pós-moderno, marcado por uma sensação de paralisia do tempo histórico (Jameson, 1997)". Partindo da compreensão de que Lerner "estaria jogando com recursos tanto da ficção modernista quanto pós-modernista", em diálogo com o chamado "metamodernismo", o autor argumenta que o romance é, "na verdade, uma grande problematização das proximidades e distâncias entre literatura (especialmente poesia) e política", valendo-se "de recursos de gêneros como o ensaio, a prosa poética, e de uma relação profundamente irônica com certas tradições da Teoria Literária contemporânea". O que se delineia, ao final, é "a construção de uma 'imagem de escritor' (Gramuglio, 2017)", com o narrador Adam Gordon "servindo como veículo de diversas tensões e contradições em torno da posição da literatura em um mundo caótico e em profunda transformação". Embora se afaste do eixo temático do dossiê, o texto compartilha com ele a preocupação com os modos pelos quais a ficção contemporânea negocia sua relação com a história e com as formas herdadas de narrá-la.

Completa o número, na seção de resenhas, o texto de Danila Gonzaga (UFMG), "A colagem, a memória e as imagens em *O livro do meu pai*, de Djaimilia Pereira de Almeida", dedicado ao livro publicado pela Todavia em 2025. Diante da tarefa de escrever o livro inacabado do pai, Joaquim, a escritora nascida em Angola mobiliza o que ela própria denomina *memorabilia colonial*: fotografias, papéis e vestígios da diáspora afro-portuguesa, reunidos por meio de uma "colagem-memória". Para a resenhista, a obra não oferece "uma reconstituição biográfica linear ou passiva do pai". Ela é, antes, "um construto ficcional de arquivos que, juntos, formam vários livros e contam múltiplas histórias". Amparada no conceito de autotopografias, de Jennifer A. González, Gonzaga mostra como Almeida "se torna ela mesma uma arquivista", de modo que esses documentos se convertem "em matéria de fabulação". A resenha dialoga, assim, com o artigo sobre a colagem como dispositivo clínico-político e com

o trabalho visual de Aline Motta, e reafirma o fragmento como matéria privilegiada das ficções do arquivo.

Lidos em conjunto, os trabalhos deste número percorrem um arco que vai do século XIX ao presente, da Veneza jamesiana às águas do Atlântico Sul, das redações cariocas aos acervos de escritor, das memórias do aborto clandestino aos diários do Congo, das histórias de feminicídio, e das narrativas da escravidão aos testemunhos das violências de Estado em nossos dias. O que os une não é um método, tampouco um corpus, mas uma atitude diante do arquivo: a recusa em tomá-lo como dado e a aposta na literatura — e nas artes — como prática capaz de articular “lacunas, silêncios e vozes fragmentadas dos registros históricos em narrativas ficcionais de alta densidade ética, estética e política”, para retomar os termos de nossa chamada.

Agradecemos às autoras e aos autores, às pareceristas e aos pareceristas que colaboraram na avaliação dos manuscritos, à equipe editorial da *Jangada* e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa pelo acolhimento da proposta. Desejamos a todas e a todos uma boa leitura.

Brasília e Viçosa, outubro de 2026.

MOYANO, Thiago M.¹ (TEL/UnB)

GONÇALVES, Gracia Regina² (DLA/UFV)

Editores deste número

REFERÊNCIAS

GRAMUGLIO, María Teresa. *El lugar de Saer: sobre una poética de la narración* (1969-2014). Rosario: Espacio Santafesino Ediciones: Editorial Municipal de Rosario, 2017.

HARTMAN, Saidiya. Venus in two acts. *Small Axe: a Caribbean journal of criticism*, Durham, v. 12, n. 2, p. 1-14, 2008.

HARTMAN, Saidiya. *Wayward lives, beautiful experiments: intimate histories of riotous Black girls, troublesome women, and queer radicals*. New York: W. W. Norton & Company, 2019.

¹ MOYANO, Thiago Marcel. Professor de Literaturas de Língua Inglesa. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília (UnB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6810-8606> e-mail: thiago.moyano@unb.br

² GONÇALVES, Gracia Regina. Professora Titular de Literaturas de Língua Inglesa do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9255-2075> e-mail: gracia@ufv.br

HUTCHEON, Linda. *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*. New York: Routledge, 1988.

HUTCHEON, Linda. *The politics of postmodernism*. London: Routledge, 1989.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução: Maria Elisa Cevalco. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

WHITE, Hayden. *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

WHITE, Hayden. *The content of the form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.